

# A CULTURA/IDENTIDADE SURDA E A LUTA COMUNICACIONAL: UMA ANÁLISE DO FILME “A FAMÍLIA BÉLIER”

Gracy Kelia Lopes Silva<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente trabalho propõe analisar o filme “A família Bélier” nos aspectos da cultura e identidade surda, bem como, a luta comunicacional das pessoas surdas no dia a dia e a superação de estigmas relacionados à diferença comunicacional. Objetiva-se secundariamente, discutir aspectos da acessibilidade comunicacional em diversos espaços, seja nos meios de comunicação, trabalho, hospitais e família. A análise feita neste trabalho será atravessada por autores, tais como, Bigogno (2023), Strobel (2008). Os dispositivos legais que asseguram acessibilidade comunicacional às pessoas surdas em espaços institucionais e na sociedade, a saber: Lei nº 10.436/2002, Decreto nº 5.626/2005, Lei 13.146/2015 serão abordados para subsidiar as reflexões. No filme há muitas cenas impactantes sobre a temática, no entanto, printou-se as relacionadas à temática deste trabalho, ou seja, cultura, identidade, dificuldades das pessoas surdas nos órgãos no que se refere a acessibilidade comunicacional, e em seguida partiu-se às considerações pautadas nos referenciais teóricos. Esta foi a metodologia adotada. Infere-se ao assistir ao filme e subsidiado nas reflexões dos autores que: Há uma cultura e identidade própria da comunidade surda e que estão imbricados pela sua visualidade e pela língua de sinais. As línguas de sinais possuem status de língua e são regulamentadas por lei. Resultado: Há muitos dispositivos legais que asseguram o direito à comunicação e consequentemente a vida plena em sociedade se tais preceitos fossem atendidos. Porém, ainda há muito para se alcançar porque na prática as pessoas surdas ainda não têm seus direitos assegurados e lutam todos os dias para superação das desigualdades.

**Palavras chave:** Identidade surda. Cultura surda. Acessibilidade comunicacional

---

<sup>1</sup> Especialista em Libras e práticas pedagógicas aplicadas a educação bilíngue de surdos (FSADU). Licenciatura em Letras Libras (em curso) pela UFMA e graduada em Ciências Sociais na mesma instituição. É professora intérprete da SEMED/Santa Inês. E-mail: gkl.silva@discente.ufma.br.

## 1 - INTRODUÇÃO

O presente artigo propõe analisar o filme “A família Bélier” nos aspectos da cultura e identidade surda, bem como, a luta comunicacional das pessoas surdas no dia a dia e a superação de estigmas relacionados à diferença comunicacional. Objetiva-se secundariamente, discutir aspectos da acessibilidade comunicacional em diversos espaços, seja nos meios de comunicação, hospitais e no seio familiar.

A análise feita neste trabalho será atravessada por autores, tais como, Bigogno (2023), que aponta as peculiaridades linguísticas da comunidade surda, Strobel (2008), que aborda sobre a cultura/identidade surda e elenca os artefatos culturais presentes na comunidade surda.

Bem como, neste trabalho aponta-se os dispositivos legais que assegurem acessibilidade comunicacional às pessoas surdas em espaços institucionais e em outros âmbitos da sociedade. Os dispositivos legais utilizados são: Convenção Internacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência (promulgada pelo Decreto nº 6.949/2009), Lei Brasileira de Inclusão (13.146/2015), Lei nº 10.436/2002, Decreto nº 5.626/2005.

Dentre tantas cenas impactantes que o filme apresenta, printou-se às relacionadas à temática deste trabalho, ou seja, cultura e identidade surda, bem como, sobre a luta comunicacional e em seguida partiu-se as considerações e reflexões atravessadas pelos autores que já abordaram sobre as categorias de análise aqui descritas. Tal procedimento foi a metodologia adotada.

O trabalho está dividido da seguinte forma: “Introdução” parte em que se apresenta as ideias iniciais. “A cultura/identidade surda: pressupostos iniciais” nesta segunda seção é apontada especificamente sobre a cultura surda e os artefatos culturais e algumas formas de organização destes indivíduos que são ligados por algo em comum que é a língua. Na terceira seção apresenta-se a metodologia, ou seja, o caminho percorrido para a efetivação deste artigo.

Na quarta seção “Terminologias estigmatizadas: uma desconstrução necessária” aponta-se terminologias empregadas pelos atores do filme que hoje já estão obsoletas, mas que ainda são usadas pelas pessoas que não possuem conhecimento sobre a pauta e por isto, realizou-se uma seção para desconstruir tais falas equivocadas.

Na quinta e última seção aborda-se a “A cultura/identidade surda e a luta comunicacional: Uma análise do filme “A família Bélier”. Aponta-se reflexões inerentes a comunidade surda e suas vivências, assim como, a sua luta por acessibilidade comunicacional.

## **2- A CULTURA/IDENTIDADE SURDA: PRESSUPOSTOS INICIAIS.**

Antes de iniciarmos a análise do filme “A família Bélier” é importante discutir alguns conceitos já tratados por alguns autores e portanto, iremos retomar. O primeiro conceito importante trata-se da cultura surda. Lembrando que há autores que discutem sobre o conceito de cultura, mas no caso em questão aqui deste trabalho abordar-se-á sobre a cultura surda.

A cultura surda é também alvo de muitas discussões, sobretudo, pela desinformação da sociedade por acharem que as pessoas surdas não têm cultura e vivem isoladamente. A autora Strobel (2008), aponta a cultura surda como:

O jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas”. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo (grifos da autora) (Strobel, 2008, p. 24).

Partindo do exposto acima percebe-se que as pessoas surdas possuem uma particularidade em suas vivências e modos como se organizam perpassando pela língua e hábitos. Ainda há incompreensão da sociedade sobre a cultura e identidade surda e mesmo sobre o novo paradigma de deficiência – modelo social - já adotado pela Convenção Internacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência (promulgada pelo Decreto nº 6.949/2009) e pela Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015).

Como esclarece Werneck, o modelo médico da deficiência ficou conhecido no mundo ocidental nos anos 60, possuindo o enfoque da deficiência como algo que deve ser combatido, uma vez que a cura desta condição é vista como a forma ideal para as pessoas finalmente poderem exercer seus direitos. Portanto, como explica a autora, para este modelo “quanto mais comprometida física, intelectual ou sensorialmente for uma criança, um adolescente ou adulto, menos direitos humanos e constitucionais ele ou ela pode ter e exercer” (Werneck, 2004, p.17).

Desta forma, este modelo entende que as limitações das pessoas com deficiência são a única causa dos processos de discriminação sofridos, tirando a responsabilidade da sociedade e ignorando as barreiras existentes no meio. A autora esclarece que neste modelo médico, as crianças surdas devem aprender a falar o português a qualquer custo, por vezes nunca aprendendo Libras.

Lado outro, o modelo social da deficiência, fruto do movimento de pessoas com deficiência, busca evidenciar que as dificuldades enfrentadas pelas pessoas com deficiência são resultado da forma como a sociedade lida com as limitações de natureza física, mental, intelectual ou sensorial do indivíduo, ou seja, da falta de acessibilidade da sociedade.

É justamente este novo paradigma da deficiência que é inaugurado no âmbito normativo pela Convenção Internacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência, ao definir, em seu artigo 1º, que “pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade com as demais pessoas”.

Por sua vez, a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº. 13.146/15), que entrou em vigor em janeiro de 2016, tem como base a Convenção Internacional sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência, adotando o mesmo paradigma, pautado no modelo social da deficiência. Há assim, uma mudança de conceito, deixando a deficiência de ser um atributo da pessoa e remetendo-a para o meio, para a falta de acessibilidade da sociedade.

Tratando especificamente do segmento de pessoas surdas, Bigogno esclarece que as categorias “cultura surda”, “comunidade surda” e “identidade surda” funcionam como estratégias de visibilidade e reconhecimento de diferenças. A autora ressalta que se quisermos compreender a sociabilidade das pessoas surdas é particularmente importante entender a ideia de comunidade surda, que não tem necessariamente relação com uma espacialidade, mas sim com uma comunidade linguística, nas palavras da autora: “É possível pensar em uma rede de sociabilidade que envolve surdos e outras pessoas que saibam Libras, pessoalmente ou via internet” (Bigogno, 2023, p.15).

Assim, embora os surdos se enquadrem no contexto de pessoas com deficiência auditiva, eles preferem ser compreendidos a partir de sua singularidade cultural, relacionada com a língua e com o modo de ser no mundo – levando em conta que a percepção de mundo da pessoa surda é diferenciada e predominantemente visual. É ressaltado pela autora, neste sentido, que os movimentos surdos reivindicam o reconhecimento da diferença para além do paradigma da deficiência, reivindicando uma identidade, nas palavras da autora:

O que se quer ao reivindicar uma identidade, no caso dos surdos, é poder fazer parte da vida social, tendo, porém, sua diferença marcada exatamente para ser respeitada. A apreensão das coisas é diferente, a língua é diferente e os resultados disso são diferentes. Não há como respeitar essa diferença sem conhecê-la minimamente, sem se tornar sensível a ela, o que significa perceber a si mesmo e ao outro em sua alteridade, isto é, como pessoas com formas distintas de apreensão do mundo e linguagem, o que implica em diferentes formas de compreensão de ideias e expressão de pensamento (Bigogno, 2023, p.15).

No excerto acima expõe a forma como os surdos são marcados pela sua diferença, mas essa diferença não os faz inferior e sim, como uma identidade. A forma de se comunicar com a língua de sinais os faz diferentes da maioria que são ouvintes, mas é por meio da língua de sinais que eles reivindicam seus direitos e se expressam.

A autora Strobel aponta o linguístico como um artefato cultural, ou seja, “a língua de sinais é um aspecto fundamental da cultura surda. No entanto, incluem também os gestos denominados sinais emergentes ou sinais caseiros” (Strobel, 2008, p.44). Os gestos e sinais estão incluídos no campo linguístico, pois se trata de comunicação e visualidade. Existem muitos surdos em zonas rurais e que não tiveram acesso à escola e outros surdos para se apropriarem da língua de sinais. Nas palavras da autora Strobel o que significa a língua de sinais:

É uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal (Strobel, 2008, p.44).

É por meio da língua de sinais que os surdos percebem o mundo e se orientam. Constroem suas redes de amizades, trabalho, relações amorosas e se relacionam com a família, sejam surdos ou mesmo ouvintes.

### **3 - METODOLOGIA**

O presente artigo surgiu inicialmente do convite para mediar o CinePet com o título: “A família Bélier”: A identidade surda e a luta comunicacional. A metodologia consistiu em assistir ao filme e posteriormente discutir aspectos relacionados à identidade surda e a luta comunicacional. Passada essa atividade, fui convidada a produzir um artigo sobre a temática.

Para compreender melhor sobre as tratativas deste artigo interessante expor uma pequena sinopse:

O filme relata sobre uma família onde o pai, a mãe e o irmão mais novo são surdos e apenas a filha mais velha, Paula Bélier, é ouvinte e ela é a intérprete da família em diversos espaços seja televisivo, consultas médicas, nos negócios que a família tem, ou seja, produção e venda de queijos. O filme relata a dependência da família de Paula Bélier com ela, pois, na sociedade há muitas barreiras comunicacionais e Paula, por sua vez, supre por meio da língua francesa de sinais essa barreira de comunicação entre a sociedade e seus pais.

O filme relata muito bem comportamentos peculiares e típicos da identidade surda, sobretudo, no que se refere ao uso do canal viso-espacial e do uso da língua de sinais como meio de comunicação e expressão e que na maioria das vezes não são compreendidos pelos outros e essa mediação sempre ocorre pela filha Paula. No entanto, ela descobre ter um talento com sua voz e por meio dela pode ter a oportunidade de estudar em Paris numa escola de

prestígio, mas vive um conflito em ter que viajar ou não, pois sabe que seus pais dependem dela e da sua mediação

Partindo dessa apresentação inicial, apresento as categorias que aparecem nele e que escolhi para ser apresentado e discutido neste trabalho, a saber: Identidade surda, cultura surda e acessibilidade comunicacional. A metodologia ocorrerá da seguinte forma: apresentarei imagens que apresentam categorias de análise e em seguida apresentarei uma reflexão sobre a cena atravessada por discussão de autores, bem como, por legislação.

#### **4- TERMINOLOGIAS ESTIGMATIZADAS: UMA DESCONSTRUÇÃO NECESSÁRIA.**

Inicialmente importa discutir terminologias apresentadas no filme e que são obsoletas nos tempos atuais. O filme em vários momentos usa a expressão “deficientes”, mas conforme, a Lei Brasileira de Inclusão as pessoas são designadas como “pessoas com deficiência” que é aquela “que tem impedimento de longo prazo de natureza, física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (art. 2º).

Outra terminologia utilizada no filme é “mudo” ou “surdo-mudo” e está presente até os dias atuais na sociedade. Porém, essas terminologias recaem principalmente nos estereótipos que a comunidade surda possui. Falar “mudo” ou mesmo “surdo-mudo” implica pensar uma deficiência fisiológica (déficit de audição), de algo que precisa ser normalizado, corrigido ou mesmo curado.

Hoje em termos de conquista política tem-se utilizado o termo “surdo” que é a pessoa que, “por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras” (Brasil, 2005).

Outra terminologia apresentada é “linguagem de sinais”. Pondera-se, no entanto, que as línguas de sinais possuem status de língua e desde os anos 1960 vem sendo alvo de estudos e de análise. Inclusive, William Stokoe foi quem iniciou os estudos quanto aos aspectos gramaticais das línguas de sinais. No caso da língua francesa de sinais é legitimada como língua, assim como as línguas orais.

No caso do Brasil que é a Língua Brasileira de Sinais- Libras já possui o status de língua desde 2002 por meio da lei 10.436 sancionada pelo presidente Luís Inácio da Silva e que diz

em seu parágrafo único: “Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil”.

Desta forma, constitui-se um erro chamar as línguas de sinais de linguagem, visto que já se tem comprovações que elas possuem status linguístico e inclusive, estão amparadas por meio de legislação.

## **5 - A CULTURA/IDENTIDADE SURDA E A LUTA COMUNICACIONAL: UMA ANÁLISE DO FILME “A FAMÍLIA BÉLIER”**

Na imagem 01, abaixo, mostra a cena em que o pai de Paula Bélier a busca na escola de carro com o som automotivo às alturas. Ela ao encontrá-lo pede que baixe o som, caso contrário, as pessoas vão achar que eles são loucos. Esse fato de ouvir o som às alturas é muito comum na comunidade surda. Muitas pessoas ouvintes se perguntam o porquê disso, visto que eles são surdos, mas há um fator diferencial nessa questão que é a vibração.

Imagem 01: Rodolphe Bélier buscando sua filha Paula Bélier na escola



A vibração do som faz com que eles sintam a emoção da música e inclusive dançam. Nas festas de vários estilos musicais é comum encontrar surdos com outros colegas se divertindo e dançando. Inclusive, há surdos no Brasil sendo intérpretes de shows. Nesse exemplo, o primordial é a visualidade. O uso da expressão facial e corporal é muito importante para a língua de sinais. Inclusive, a autora Strobel (2008), aponta a visualidade como primeiro artefato da cultura surda. Nas palavras da autora, “O primeiro artefato da cultura surda é a

experiência visual em que os sujeitos surdos percebem o mundo de maneira diferente, a qual provoca as reflexões de suas subjetividades: De onde viemos? O que somos? E para onde queremos ir? Qual a nossa identidade?” (Strobel, 2008, p.38).

Na imagem 02, abaixo, a cena corresponde ao pai de Paula deitado na cama do casal e ele para chamar a atenção de sua esposa acende e apaga várias vezes a luz do abajur ao lado de sua cama. Nesse caso não adiantaria o balbucio de Rodolphe Bélier visto que sua esposa é surda também, resta o abajur que acendido e desligado gera uma comunicação.

Imagem 02: Rodolphe Bélier ligando e desligando o abajur várias vezes para chamar atenção de sua esposa



No caso em questão o abajur pode ser atribuído aos artefatos culturais materiais que são “resultantes da transformação da natureza pelo trabalho humano, e sua utilização é condicionada pelo enleio do comportamento cultural dos povos surdos, que auxilia nas acessibilidades nas vidas cotidianas de sujeitos surdos” (Strobel, 2008, p.76).

Outro exemplo de artefato cultural material da comunidade surda é a campainha, porém, ela não é sonora e sim, uma lâmpada. As pessoas surdas que possuem filhos bebês utilizam babás eletrônicas, porém, elas vibram em vez de som e há inúmeros artefatos onde todos sobressaem a visualidade, por exemplo, as tecnologias são um exemplo clássico disso. O uso do WhatsApp por meio de chamada de vídeo, os alertas sonoros dos celulares são substituídos por alertas vibratórios.

Na imagem 03, abaixo, ilustra a Paula Bélier acompanhando seus pais numa consulta médica com ginecologista. Essa cena ilustra a luta comunicacional das pessoas surdas em diversas esferas da sociedade. Infelizmente todos os dias em vários momentos, os direitos das



peças surdas são violados porque não há intérpretes de Libras em hospitais, em espaços institucionais apesar do decreto 5.626/2005 estabelecer:

Art. 26. O Poder Público, as empresas concessionárias de serviços públicos e os órgãos da administração pública federal, direta e indireta, deverão garantir às pessoas surdas ou com deficiência auditiva o seu efetivo e amplo atendimento, por meio do uso e da difusão da Libras e da tradução e da interpretação de Libras - Língua Portuguesa. § 1º Para garantir a difusão da Libras, as instituições de que trata o **caput** deverão dispor de, no mínimo, cinco por cento de servidores, funcionários ou empregados com capacitação básica em Libras. § 2º Para garantir o efetivo e amplo atendimento das pessoas surdas ou com deficiência auditiva, o Poder Público, as empresas concessionárias e permissionárias de serviços públicos e os órgãos da administração pública federal, direta e indireta, poderão utilizar intérpretes contratados especificamente para essa função ou central de intermediação de comunicação que garanta a oferta de atendimento presencial ou remoto, com intermediação por meio de recursos de videoconferência **on-line** e **webchat**, à pessoa surda ou com deficiência auditiva. § 3º O Poder Público, os órgãos da administração pública estadual, municipal e distrital e as empresas concessionárias e permissionárias de serviços públicos buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar às pessoas surdas ou com deficiência auditiva o efetivo e amplo atendimento previsto no caput (Brasil, 2005).

Percebe-se que do ponto de vista legal os direitos das pessoas surdas são assegurados. Porém, na prática não. O caso acima é uma cena de filme fictício, mas o exemplo é real e ocorre sempre.

Imagem 03: Paula Bélier mediando a comunicação dos seus pais em consulta ginecológica



Na imagem 04, abaixo, mostra o momento que o pai de Paula Bélier pede sua ajuda para interpretar a fala do atual prefeito no telejornal. Ela se posiciona ao lado da televisão para interpretar. Esse fato evidencia mais uma luta pela acessibilidade comunicacional, visto que os meios de comunicação não proporcionam acessibilidade que, conforme a Lei Brasileira de Inclusão- LBI “é direito que garante à pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida

viver de forma independente e exercer seus direitos de cidadania e de participação social” (Brasil, 2015).

Imagem 04: Paula Bélier interpretando o telejornal para seu pai



As pessoas com deficiência têm direito a vida independente e com autonomia e isso perpassa pelo direito ao acesso à comunicação e informação. A LBI estabelece que:

Art. 67. Os serviços de radiodifusão de sons e imagens devem permitir o uso dos seguintes recursos, entre outros: I - subtítuloção por meio de legenda oculta; II - janela com intérprete da Libras; III - audiodescrição (Brasil, 2015).

Na imagem 05, abaixo, mostra o momento em que o Rodolphe Bélier conversa com o atual prefeito Lapidus. Pondera-se que Rodolphe Bélier se candidata a prefeito e passa a ser concorrente do atual. Cena em que a Paula Bélier alivia a interpretação, pois os ânimos estão exaltados e o atual prefeito zomba e usa de capacitismo pelo fato do Rodolphe Bélier ser surdo.

- Seu pai realmente acha que as pessoas vão votar num surdo-mudo? (prefeito Lapidus)
- Por que não? já votaram num idiota (Paula Bélier)

Imagem 05: Conversa entre o prefeito Lapidus e os pais de Paula



Na imagem 06, abaixo, o Gabriel (amigo de escola e que faz aula de aulas e dupla no canto) com Paula Bélier visita pela primeira vez a casa de Paula e ao se dirigir a Gigi Belie (mãe) e ao Quentin Bélier (irmão), a mãe de Paula faz sinal de que é surda e que não o ouve. A primeira atitude de Gabriel é gritar como se a Gigi fosse ouvir. Esse fato é comum por ouvintes que desconhecem a particularidade das pessoas surdas.

Imagem 06: Gabriel em comunicação com a mãe de Paula Bélier



As pessoas ouvintes em geral quando encontram pessoas surdas tendem a gritar ou gesticular com os lábios, pois acreditam que os surdos vão ouvir pelo aumento do som da voz

ou vão compreender a oralização. No entanto, cada pessoa surda tem sua particularidade. Alguns surdos ouvem em algum grau, outros oralizam, outros possuem perda bilateral.

Segundo o decreto nº 5.626 de 2005, coloca em seu parágrafo único que: “Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz”. Percebe-se que neste universo há pessoas surdas que se comunicam de inúmeras formas seja, por meio da Libras, da escrita na Língua Portuguesa, oralização.

Imagem 07: Rodolphe Bélier explicando para a equipe de reportagem que pode ler lábios para se comunicar



A imagem 07 exemplifica o que está exposto no parágrafo acima. Rodolphe Bélier está nesta cena conversando com uma repórter e ele explica que pode ler lábios e caso não consiga compreender pela oralização pode ser utilizado a escrita na língua francesa, visto que a equipe de reportagem não dispõe de intérprete da língua de sinais.

A cena 08, abaixo, mostra a amiga de Paula Bélier (Mathilde) perguntando sobre a decisão dela em fazer parte do concurso em Paris, porém Paula demonstra insegurança em participar, pois teme deixar seus pais, visto que ela é a intérprete de seus pais e do irmão. Nessa cena Mathilde fala: “seus pais são mudos, não são idiotas!”

Imagem 08: Mathilde conversando com Paula sobre o concurso



Tal afirmação aponta a superação do capacitismo e de achar que as pessoas surdas pelo fato de não ouvirem são idiotas, incompetentes e que não podem ocupar os lugares que quiserem iguais às demais pessoas.

Imagem 09: Os pais de Paula na plateia enquanto ela se apresenta no musical em palco



Na imagem 09, acima, mostra o momento em que Paula Bélier se apresenta em dupla com seu amigo Gabriel e os pais dela estão no público assistindo e todo o som do filme é cortado para evidenciar a percepção deles naquele momento que é o silêncio total e sem interpretação em Libras. Eles tinham a compreensão de que se tratava de uma apresentação de sua filha. Porém, o teor da música eles não sabiam.

Imagem 10: Rodolphe coloca suas mãos na garganta de Paula para sentir a vibração enquanto canta



Na imagem 10, acima, mostra o momento em que Rodolphe Bélière ao chegar em casa depois da apresentação de sua filha pergunta do que trata a história da música que Paula Bélière cantou. Paula Bélière explica e seu pai pede para que ela cante enquanto ele coloca as mãos para sentir a vibração de suas cordas vocais.

Essa é também uma estratégia de comunicação entre pessoas surdas, surdo-cegos, mas é importante ponderar que nem todos os surdos possuem essa habilidade, pois se trata de um processo com acompanhamento de outros profissionais que estão além da escola. Importante ressaltar que cada surdo possui sua particularidade. Desta forma, alguns utilizam língua de sinais, outros oralizam, outros possuem conhecimento na Língua Portuguesa escrita.

Imagem 11: Paula em sua apresentação no concurso



Essa é a cena que mostra Paula Bélier se apresentando no concurso em Paris e seus pais estão na plateia, bem como, seu irmão. Portanto, para contemplar sua família, ela canta, bem como, sinaliza para a língua de sinais que no caso do filme é a língua francesa de sinais.

## **CONCLUSÃO**

O presente artigo teve como proposta analisar o filme “A família Bélier” nos aspectos da cultura e identidade surda, bem como, a luta comunicacional das pessoas surdas no dia a dia e a superação de estigmas relacionados à diferença comunicacional. Objetivou-se, secundariamente, discutir aspectos da acessibilidade comunicacional em diversos espaços, seja nos meios de comunicação, hospitais e no seio familiar.

Tais objetivos foram alcançados na medida em que se analisou o filme, porém, antes, sobretudo, pontuou-se sobre o que é a cultura surda e os artefatos culturais presentes nessa cultura. Deste modo, vimos que a visualidade e a língua de sinais é um artefato cultural importante na cultura surda.

Discutiu-se a luta comunicacional das pessoas surdas na sociedade em diversos aspectos até mesmo na família e como alguns termos são utilizados de forma equivocada no filme que é lançado em 2014 mesmo após a regulamentação da lei de Libras no ano de 2002 e de sua regulamentação pelo decreto nº 5.626/2005.

Partindo a análise propriamente dita: O filme “A família Bélier” revela a realidade de muitas famílias que possuem pessoas surdas que têm dificuldade na comunicação porque a sociedade não está preparada. As pessoas surdas constantemente estão lutando por acessibilidade comunicacional, pois, ao chegarem nas consultas, aulas e os meios televisivos não há intérpretes de Libras e nem janelas em Libras. Tudo isso dificulta a sua autonomia na sociedade e sua vida plena.

Alguns resultados deste trabalho foram: Há uma cultura e identidade própria da comunidade surda e que estão imbricados pela sua visualidade e pela língua de sinais. As línguas de sinais possuem status de língua e são regulamentadas via lei. Há muitos dispositivos legais que asseguram o direito à comunicação e conseqüentemente a vida plena em sociedade se tais preceitos fossem atendidos. Porém, ainda há muito para se alcançar. A discussão realizada neste trabalho não se esgota há muito para se desenvolver, pois, a temática de cultura e identidade aponta para discussões maravilhosas.

## REFERÊNCIAS

BIGOGNO, Paula Guedes. (2023) Cultura, comunidade e identidade surda: o que querem os surdos? Culture, community and deaf identity: What do the deaf want?. *NJINGA E SEPÉ: Revista Internacional De Culturas, Línguas Africanas E Brasileiras*, 3(2), 268–285.

Recuperado de <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape/article/view/1376>.

BRASIL, **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais, Libras, e dá outras providências. Brasília – DF, abril de 2002. Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm). Acesso em: 22 out. 2023.

\_\_\_\_\_, **Lei nº 13.146**, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em:

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/113146.htm)

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005, regulamenta a lei 10.436 de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS e o art. 18 da lei 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Presidência da República, Brasília. Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2005/5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2005/5626.htm)>. Acesso em: 05 out. 2023.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis. Editora da UFSC, 2008.

WERNECK, Claudia. In. **Manual da mídia legal 3: comunicadores pela saúde**/Escola de gente - Rio de Janeiro: WVA, editora, 2004. Disponível em:

<https://www.escoladegente.org.br/sites/default/files/anexos/mml3.pdf>